

Hackers ou analfabytes: quem governa o Brasil na era digital?



» **BEÁ TIBIRIÇÁ**
Diretora do
Coletivo Digital

» **UIRÃ PORÃ**
Hacker, gestor público e coidealizador
do Movimento FeliciLab

Nós, que atuamos com cultura digital no Brasil há mais de duas décadas — e nos identificamos como hackers — já vivemos muitas vezes uma cena comum. Quase sempre que vamos conversar com gestoras públicas, parlamentares e lideranças sociais sobre políticas para o mundo digital, ouvimos, quase como um gesto de culpa e cumplicidade:

“Olha, eu sou analfabeto digital.” ou “Eu não entendo muito desse assunto.”

Essas frases, geralmente ditas com humildade e sinceridade, não são um problema em si. Mas revelam algo muito importante: o reconhecimento de que existe uma dimensão da vida pública — a dimensão digital — que ainda está distante das pessoas que tomam decisões sobre ela.

Mas esse reconhecimento também nos convida a olhar para um desafio maior. A tecnologia está no centro da economia, da cultura, do trabalho, da educação, da segurança pública e da democracia. Se o Estado não tem gente que entenda profundamente desses sistemas — suas lógicas, suas infraestruturas, seus códigos —, quem vai ter esse poder? A resposta, na prática, tem sido uma só: as grandes empresas

de tecnologia. É por isso que queremos falar sobre a importância das pessoas hackers.

E quando dizemos “hacker” não estamos falando de criminosos ou invasores de sistemas. Esse é um estereótipo equivocado, muitas vezes, reforçado pela mídia. Hacker, na origem do termo, é alguém que entende profundamente como as coisas funcionam — e usa esse conhecimento para explorar, melhorar, adaptar e resolver problemas de forma criativa.

Um bom exemplo é o chaveiro. O chaveiro conhece as fechaduras. Sabe abrir, desmontar, consertar, criar chaves. Isso o torna perigoso? Não. Isso o torna útil. E, como em qualquer profissão, o uso desse conhecimento depende da ética. A ética hacker — que é o que defendemos e representamos — não arromba casas: ela ajuda a abrir portas quando as chaves quebaram.

A internet foi criada por pessoas assim. Os protocolos abertos, os softwares livres, as redes distribuídas, a cultura digital colaborativa — tudo isso tem raízes no trabalho de comunidades hacker. Essas pessoas não só entendem o funcionamento do mundo digital, como constroem alternativas para ele. No Brasil, há décadas, desenvolvem tecnologias livres, redes comunitárias, metodologias de ensino, formas de cuidado com os dados e com as pessoas.

O problema é que, por muito tempo, essas pessoas ficaram fora do governo. E o resultado é o que vivemos hoje: uma enorme distância entre o conhecimento técnico e a formulação das políticas públicas. Mas algo está mudando.

Em maio de 2025, durante o encontro da Rede Sacix, um grupo de pessoas hackers participou de uma roda de conversa com um deputado federal. Foi ali, de forma direta e respeitosa, que colocamos o que há muito tempo precisa ser dito: o Brasil só vai

conseguir garantir sua soberania digital se incorporar esse conhecimento à gestão pública. Essa conversa foi o ponto de partida para uma articulação inédita entre sociedade civil, movimentos sociais, comunidade técnica e parlamentares.

Dessa semente nasceu o que hoje chamamos de Frente pela Soberania Digital. E, hoje (8/7) e amanhã, em Brasília, vamos realizar o Encontro Nacional Soberania Já! (www.soberania.digital/encontro), com uma aula pública e o início da construção coletiva de um Plano Nacional pela Soberania Digital. Esse plano não é só técnico, é tecnopolítico. É sobre garantir que o Brasil tenha capacidade de decidir seu próprio destino no mundo digital — com justiça, transparência, inclusão e inteligência coletiva.

O reconhecimento de que “não entendemos muito bem esse assunto” é o primeiro passo. O segundo é convidar quem entende para construir junto. Não para dominar o debate, mas para compartilhar saberes. E, a partir daí, desenhar políticas públicas à altura dos desafios que vivemos. Estamos indo para Brasília com esforço coletivo, vaquinhas e recursos próprios — porque acreditamos que essa mudança não é só possível, é necessária.

Nos primeiros governos, Lula sempre esteve rodeado de hackers. Foi um ministro hacker, Gilberto Gil, que abriu as portas do Ministério da Cultura para o software livre, a cultura digital e a colaboração em rede, criando políticas digitais reconhecidas no mundo inteiro.

Agora, voltamos a nos apresentar. Não para pedir cargos ou favores, mas para dizer que estamos aqui para garantir que as tecnologias digitais deixem de ser ferramentas de dominação de bilionários e extremistas, e sejam apropriadas pelo povo brasileiro, para servir à vida, ao meio ambiente e à democracia.



Não vamos nos calar



» **PAULA BELMONTE**
Deputada distrital, segunda
vice-presidente e procuradora
Especial da Mulher da Câmara
Legislativa

Quando uma mulher é violentada, todas nós sangramos. E o que mais fere, às vezes, não é o ato violento em si, mas o silêncio que o cerca. O silêncio das instituições. O silêncio dos colegas. O silêncio de uma sociedade que se acostumou a banalizar o inaceitável.

Protocolarei, com o apoio das minhas colegas deputadas distritais Dayse Amarílio, Doutora Jane e Jaqueline Silva, além do deputado Pastor Daniel, o pedido de suspensão do deputado Daniel Donizet por 90 dias. A iniciativa, formalizada pela Procuradoria Especial da Mulher da Câmara Legislativa, representa um movimento necessário diante de um cenário de silenciamento e omissões que, por vezes, favorecem a impunidade.

Como procuradora Especial da Mulher e segunda vice-presidente da Câmara Legislativa, tenho atuado para garantir que o debate avance com seriedade, responsabilidade e amparo institucional. Não se trata de uma disputa política, mas da preservação dos direitos das mulheres, da integridade do mandato parlamentar e da credibilidade da própria Câmara Legislativa. É disso que estamos falando quando tratamos

de acusações graves como assédio, abuso de poder e outras condutas incompatíveis com o decoro.

O caso mais recente, amplamente noticiado, em que o deputado teria sido flagrado dirigindo sob efeito de álcool e teria tentado usar a condição de deputado para interferir em uma abordagem policial, apenas reforçou a urgência de uma resposta institucional clara. A sociedade exige e merece esse posicionamento.

Ao longo dos últimos anos, avançamos em muitas frentes na luta pela proteção das mulheres. Leis foram aprovadas, estruturas foram criadas, redes de apoio foram fortalecidas. Mas sabemos que a cultura da violência ainda resiste, muitas vezes de forma silenciosa, disfarçada ou velada. Por isso, cada gesto importa. E cada omissão, também.

Na condição de procuradora da Mulher, acompanho de perto a realidade enfrentada por muitas mulheres em diferentes ambientes. A experiência no cargo tem mostrado que a violência de gênero, muitas vezes, se manifesta de forma sutil, silenciosa e persistente; e que ainda há um longo caminho para que todos os espaços de poder sejam também espaços de segurança, equidade e respeito.

É por isso que levamos a Procuradoria Especial da Mulher para fora dos limites da Câmara Legislativa. Nossas ações nas escolas e nas regiões administrativas do Distrito Federal têm como objetivo escutar, conscientizar e prevenir. Sabemos que a transformação começa pela educação, sobretudo entre os mais jovens. Quando falamos de respeito, igualdade e empatia nas escolas, estamos semeando uma nova

cultura, que deve ser de paz, de respeito e de valorização da dignidade da mulher.

Entendo ainda que a independência econômica é um dos caminhos mais eficazes para romper ciclos de violência. Por isso, defendo o fortalecimento de políticas públicas que incentivem o empreendedorismo feminino como instrumento de autonomia e superação. Quando uma mulher conquista sua liberdade financeira, ela amplia suas possibilidades de escolha e reduz as chances de permanecer em relações abusivas. O apoio à mulher também passa por oportunidades concretas de trabalho e renda.

Sob o comando firme do presidente Wellington Luiz, a Câmara Legislativa tem dado passos importantes. Ver deputadas de diferentes partidos reunidas em torno dessa causa é sinal de maturidade institucional e sensibilidade política. A proteção às mulheres não é uma pauta de um grupo ou de uma ideologia. É um compromisso coletivo, que atravessa diferenças e exige união.

Ao defender a continuidade dos processos e a aplicação das sanções previstas, não falo apenas como parlamentar. Falo como mulher, como mãe, como cidadã. Falo com a serenidade de quem acredita que o parlamento tem um papel central na construção de uma sociedade mais justa e que esse papel começa dentro de casa, com a forma como lidamos com as nossas próprias responsabilidades.

Seguiremos firmes, com equilíbrio e coragem, para que a Justiça prevaleça e para que nenhuma mulher se sinta sozinha diante da violência.

Não vamos nos calar.

Vietnã-Brasil: conexão estratégica para a cooperação global



» **BUI VAN NGHI**
Embaixador da República
Socialista do Vietnã no Brasil

A relação entre Vietnã e Brasil está em ascensão, simbolizando a cooperação Sul-Sul em um mundo multipolar e competitivo. Apesar da distância geográfica, os dois países encontraram uma conexão profunda em sua história, cultura e aspirações de crescimento. Com a parceria estratégica, estabelecida em 2024, Vietnã e Brasil iniciam uma nova era de colaboração.

Em 17 de novembro de 2024, na Cúpula do G20, no Rio de Janeiro, o primeiro-ministro do Vietnã, Pham Minh Chinh, e o presidente Lula, anunciaram a elevação das relações bilaterais ao status de Parceria Estratégica. Um avanço diplomático e um compromisso de confiança política.

Em hemisférios diferentes, os dois países compartilham semelhanças: histórias de luta pela independência, identidades culturais e hospitalidade, valores que transformaram a amizade em avanços estratégicos.

Em 2007, a visita do secretário-geral, Nong Duc Manh, ao Brasil, com a criação da Parceria Abrangente, abriu caminho para cooperação em política, economia, defesa, cultura e ciência-tecnologia. Em 2024, a parceria estratégica representou um salto qualitativo, consolidando o papel das nações na ordem global.

A diplomacia é a espinha dorsal dessa relação, proporcionando estabilidade e orientação. Com uma política externa baseada em independência, autossuficiência e multilateralismo, o Vietnã encontrou no Brasil um parceiro ideal, compartilhando a visão de um mundo justo, fundamentado no direito internacional.

Visitas de alto nível reforçam essa conexão. A viagem do primeiro-ministro, Phm Minh Chinh, ao Brasil, em setembro de 2023, reafirmou o compromisso de aprofundar os laços. A visita do ministro das Relações Exteriores brasileiro, Mauro Vieira, ao Vietnã, em abril de 2024, e conversas no G20, consolidaram esse diálogo, de chefes de Estado a ministros e parlamentares.

A cooperação alcança fóruns multilaterais. Na Organização das Nações Unidas (ONU), Vietnã e Brasil defendem soberania, integridade territorial e resolução pacífica de disputas. Na Organização Mundial do Comércio (OMC), colaboram para proteger interesses de nações em desenvolvimento e promover comércio justo. A parceria para fortalecer laços entre Associação de Nações do Sudeste Asiático (Ansean) e Mercosul cria uma ponte inter-regional.

O comércio bilateral cresceu de US\$ 1,5 bilhão, em 2011, para US\$ 7,7 bilhões, em 2024, refletindo a complementaridade econômica. O Vietnã, com crescimento anual de 6-7%, é um centro global de manufatura, exportando frutos do mar, têxteis, calçados e eletrônicos. O Brasil fornece soja, milho, algodão e minerais, atendendo às necessidades vietnamitas. Com 16 acordos de livre-comércio, o Vietnã é uma porta para o Brasil acessar o mercado asiático.

Embora os investimentos sejam modestos — com sete projetos brasileiros no Vietnã, totalizando US\$ 3,8 milhões, até outubro de 2024 —, o potencial é vasto. O Vietnã prioriza tecnologia avançada, energia limpa, economia digital e biotecnologia, enquanto o Brasil oferece expertise em etanol e renováveis. No Fórum Empresarial Vietnã-Brasil de 2024, o primeiro-ministro vietnamita propôs um Acordo de Livre Comércio com o Mercosul, visando um mercado de 260 milhões de consumidores. Metas ambiciosas preveem o comércio de US\$ 10 bilhões em 2025 e US\$ 15 bilhões, em 2030.

Vietnã e Brasil lideram a cooperação Sul-Sul contra mudanças climáticas, comprometidos com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), o Acordo de Paris e o Protocolo de Kyoto. O Brasil, líder em biocombustíveis, e o Vietnã, com meta de emissões zero até 2050, colaboram em energias renováveis e biotecnologia.

Cultura, esportes e educação conectam os dois povos. A jornada de Ho Chi Minh ao Brasil inspira iniciativas como nomear uma rua no Rio em homenagem ao Vietnã. O futebol, paixão compartilhada, une jovens, enquanto programas de intercâmbio estudantil e ensino de português no Vietnã fortalecem laços, superando barreiras geográficas.

A Parceria Estratégica Vietnã-Brasil é um modelo de cooperação entre nações em desenvolvimento. Com confiança política, comércio dinâmico e diplomacia cultural, geram benefícios mútuos e contribuem para a estabilidade global. Em um mundo competitivo, a colaboração em multilateralismo, sustentabilidade e inovação destaca o Vietnã como ponte entre o Brasil e a Ásia, prometendo sucessos extraordinários.